

O TEATRO COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES

LARISSA DE OLIVEIRA PEDRA¹; ANDREA BASÍLIO DIAS²; ÉDIO RANIERE³

¹*Psicologia UFPel – larissadeoliveirapedra@gmail.com*

²*Psicologia UFPel – anbadi@gmail.com*
UFPel – edioraniere@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surge do encontro entre a necessidade de construir dispositivos didáticos para o ensino de psicologia e o caminho promissor apontado por algumas experiências com o teatro. Se por um lado há o questionamento sobre a qualidade dos futuros profissionais que estão em formação nesse contexto e busca-se novas possibilidades para repensá-la e aprimorá-la, por outro há alguns desdobramentos advindos de novas experimentações que, mesclando técnicas e teorias, podem se mostrar promissoras, o que pode contrariar muitas lógicas instituídas, com experiências que ultrapassam as metas almejadas.

O estágio cartográfico teatro surge na graduação em Psicologia da UFPel no segundo semestre do ano de 2014, acolhendo vagas para o estágio básico I (ênfase em Psicologia Social) e extensionistas interessados. Neste primeiro semestre, o grupo detém-se em estudar a obra Assim Falou Zarathustra, de Friedrich Nietzsche e culmina com o evento “Cidades de Zarathustra”, realizado no centro histórico de Pelotas com performances e projetos individuais de cada componente do grupo. Esta experiência é, sem dúvida, muito diferente do que se costuma chamar de estágio dentro do curso; estes costumam ser observacionais, inseridos em determinadas organizações ou equipamentos institucionais (BAREMBLITT, 2002) e exigem do estudante pouco mais do que um par de olhos e ouvidos.

Em 2015/2 o estágio cartográfico é novamente ofertado, desta vez para alunos do estágio básico II, com alunos do 4º semestre e com ênfase em saúde. Surge aí um novo desafio: como fazer saúde através do teatro? Essa grande questão mobilizou o grupo composto por sete acadêmicos e um orientador a se empenhar na composição de um grupo com a potência necessária para acolher as inquietações e os devires.

De acordo com BAREMBLITT (2002), através de conceitos originários da análise institucional, podemos dizer que essa problematização permitiu que alcançássemos não só as organizações envolvidas com saúde, mas suas instituições. Talvez tenhamos conseguido até mesmo emergir uma nova força instituinte, necessária e urgente inclusive para que os avanços conquistados no âmbito da saúde mental não se tornem sofisticações e sutilezas dos mecanismos de controle e higiene social (FOUCAULT, 2014).

A proposta, em suma, teve como objetivo repensar a saúde, formando um grupo capaz de acolher um novo tipo de intervenção em saúde mental, com a possibilidade de expandir o público alvo para atender outras demandas, além de objetivar uma nova forma de promover saúde, uma nova concepção de saúde e de como instrumentalizar os profissionais que nela atuam.

Neste sentido, o trabalho com teatro criou condições de possibilidade para que o grupo acolhesse usuários do CAPS, com vistas à reinserção psicossocial,

levando sempre em consideração que um dos objetivos da reforma psiquiátrica brasileira é promover a mobilidade e a cidadania desse sujeito no seu território e, especificamente no contexto de tratamento psicossocial, materializando no grupo uma proposta concreta de desencapsular (AMARANTE, 2003) estes pacientes/usuários, promovendo saúde de uma forma integral, inclusiva e menos manicomializada, visando os novos rumos necessários para o pleno avanço da reforma psiquiátrica.

2. METODOLOGIA

A proposta baseou-se nos conceitos da grande saúde, de Nietzsche, sobretudo no aforismo 382 de A Gaia Ciência (NIETZSCHE, 2012), e a saúde enquanto interface entre desejo e pensamento, de Fuganti (1990). Com efeito, concebeu-se o conceito de saúde como algo a não ser feito apenas com a razão e com os dados oriundos de pesquisas experimentais e como sendo o corpo imprescindível e necessário neste percurso metodológico. Tal percurso perpassa pela compreensão da saúde frente às lógicas de funcionamento social às quais os indivíduos encontram-se permeados, compreendendo as diversas dimensões da saúde: desde a esfera política até a celular. Ao longo da consolidação do grupo, nos deparamos com questões muito sérias em saúde mental, como, por exemplo, a necessidade de desterritorializar a saúde. Compreendemos que a saúde precisa não só ser produzida em um território específico, mas ser potencializada e pensada sempre em relação com a cidade. Embora as políticas de saúde preconizem ações no território, a delimitação do mesmo é que nos parece ser o problema neste caso.

A formação de um grupo coeso foi um grande desafio para o qual nos utilizamos de técnicas teatrais diversas, desde oficinas de palhaçaria (também conhecidas como clown), improvisação, trabalho com músicas, voz e criação de cenas. O grupo reuniu-se semanalmente ao longo do semestre, nos espaços que nos foram disponibilizados, para a realização das atividades supracitadas, sempre mantendo uma boa comunicação, que permitiu, entre outras coisas, a sugestão de novas técnicas e a invenção constante. Esse desafio foi ainda maior tendo em vista os diversos impedimentos ocorridos nos nossos turnos de encontro devido ao calendário acadêmico colidir com feriados, reduzindo a carga horária efetiva, além da demora para que o grupo se estabelecesse através de um juramento (LAPASSADE, 1977). Após um longo trabalho de preparação, superando expectativas e percalços, o grupo finalmente encontrava-se pronto para receber participantes externos.

Motivados com o trabalho, mas com o tempo se encurtando a cada encontro, resolvemos promover duas oficinas de teatro para usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da região sul do Rio Grande do Sul. A primeira foi realizada no espaço onde o grupo costumava-se reunir-se semanalmente. Os usuários foram convidados, através do contato feito com o CAPS e dirigiram-se com pleno exercício de autonomia para o espaço no qual ocorreu a oficina de teatro, que está, inclusive, localizado fora do território de abrangência do serviço de saúde mental ao qual esses usuários estão vinculados para reabilitação psicossocial. Compareceram três mulheres, apesar de ser uma fria manhã de início de inverno. O grupo tanto acolheu quanto foi acolhido pelas usuárias; o trabalho desenvolvido foi fundamentado no Psicodrama de Moreno (1978), incluindo brincadeiras e jogos cênicos, com a posterior criação de duas cenas, tendo sido o grupo dividido para a produção das mesmas. As cenas baseavam-se dois poemas, sendo que um deles de autoria de uma das participantes. A

apresentação das cenas foi bastante emocionante e emocionada, sendo este o momento em que podemos constatar que algo diferente estava surgindo ali, que a compreensão daquelas pessoas não estava sendo exclusivamente feita através de manuais diagnósticos, mas através da própria perspectiva que elas tinham de si mesmas. Conseguir compreender e intervir nestes dramas existenciais é uma verdadeira potência terapêutica.

A segunda oficina foi realizada no próprio CAPS, onde fomos muitíssimo bem recebidos, tendo, entre os anfitriões, nossas três novas parceiras de palco. A proposta foi semelhante a da primeira oficina e abriu espaço para experimentação de novos perceptos e afectos (DELEUZE, 1998) tendo sido uma manhã tão rica em experiências quanto ensolarada. As cenas produzidas neste encontro foram absolutamente ricas e refletiam o avanço do grupo de um encontro para o outro.

Todos os encontros foram registrados em diários pelos acadêmicos e transversalizados pelas teorias estudadas dentro e fora do âmbito deste estágio. A experiência se encerra com a escrita coletiva do relatório de estágio, no qual percebemos que apesar do encerramento oficial do estágio e do próprio corpo grupal, a experiência continuará coexistindo (AUGRAS, 2013) em cada um de nós. Sentimos algo muito semelhante com o que relataram as usuárias no último encontro, enquanto barganhavam novas possibilidades de que a experiência não se finalizasse, nem que fosse em um próximo semestre, quem sabe fora do vínculo da universidade... Sentimos que apesar de ter chegado ao final, não poderia acabar, e nem mesmo ficar só entre nós. Precisávamos entender como tudo aquilo tinha alcançado um sucesso tão inesperado e o caminho seria incorporar a experiência ao nosso estudo, pensando, talvez, novas formas de inventar novas pesquisas/intervenções como esta, tão necessárias e urgentes dentro da formação e prática de psicólogos.

A escrita, produzida pelo grupo, tomou formato de uma pequena cartografia (DELEUZE E GUATTARI, 2011 ; FONSECA, 2010; ROLNIK, 2006), permitindo acolher a multiplicidade de compreensões possíveis dentro da experiência, oferecendo ainda a possibilidade de engendrar relações entre tais compreensões com as práticas vigentes e as teorias a serem repensadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos pelo estágio cartográfico teatro apontam caminhos possíveis e muito potentes para pesquisa, ensino e mesmo extensões dentro e fora da universidade. Mostrando que temos muito trabalho pela frente, a começar pelas nossas próprias instituições. Nossas lógicas já instituídas acabam muitas vezes limitando o nosso saber-fazer e impedindo que avancemos em questões cruciais para o futuro e a sociedade que queremos.

Quando as pacientes/usuárias dirigiam e atuavam em cenas relacionadas à saúde mental, desvelavam com naturalidade cotidianos e lógicas que grandes especialistas apenas tangenciam conceitualmente, revelando algo em nossas práticas, como psicólogos, de difícil enfrentamento. Nossos próprios monstros nos ajudavam a entender e significar a vivência que estávamos constituindo enquanto grupo, enquanto acadêmicos e enquanto pessoas.

Adentramos em questões e relações cruciais para a compreensão e os rumos em saúde mental, tais como o surgimento daquilo que chamamos de “minicômios”, que revela uma estranha necessidade de uma organização com lógicas de confinamento, no delicado limiar entre cuidar e controlar. Ou ainda em como esta lógica acaba por territorializar a saúde em volta desta organização em detrimento da cidade, limitando toda a potência que a saúde poderia atingir.

Utilizar o teatro, como dispositivo didático, na formação de psicólogos é, em primeira instância, trazer o elemento dionisíaco que foi esquecido em detrimento do apolíneo, mas com efeito, permitir também que convivam em complementaridade, abrindo nossa prática à uma realidade mais viva. Da vida que não faz esses dualismos desnecessários, da vida que nos desafia a cada instante, da vida que não para de nos alavancar rumo às mudanças que almejamos, da vida que às vezes temos medo, esta vida que vem, no sentido proposto por AGAMBEN (2007).

4. CONCLUSÕES

Uma importante inovação para o ensino em psicologia, nos parece, é de estarmos atentos às lógicas instituídas que nos permeiam. Somente com a compreensão ampliada de saúde é possível produzir e potencializar uma saúde diferente em nossas práticas. Tanto a formação em psicologia quanto as políticas e práticas em saúde mental necessitam com certa urgência de avanços, mas antes disso precisam saber para onde e como avançar. A criação de novas possibilidades nos campos supracitados requerem práticas mais abrangentes do que estudos experimentais e estatísticos. Dessa forma, acreditamos que haja na relação aqui apresentada entre Teatro e Psicologia um dispositivo extremamente potente, ainda em emergência, mas que hoje podemos compreender, pois atravessa nossos corpos, ultrapassando em nós o meramente racional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABECEDÁRIO de Gilles Deleuze.** Direção: Pierre-André Boutang. Produção: Éditions Montparnasse. Entrevistadora: Claire Parnet. Paris, 1988. DVD (195 min).
- AGAMBEN, G. **Profanações.** São Paulo: Boitempo, 2007.
- AMARANTE, P. A (clínica) e a reforma psiquiátrica. In: AMARANTE, P (Org.). **Archivos de saúde mental e atenção psicossocial.** Rio de Janeiro: Nau, 2003. Cap II, p. 45-66.
- AUGRAS, M. **O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico.** Petrópolis: Vozes, 2013.
- BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática.** Belo Horizonte: Biblioteca Instituto Félix Guattari, 2002.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia.** São Paulo: Editora 34, 2011.
- FONSECA, T.M.G. et al. O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. **Estudos e Pesquisas em Psicologia.** v. 41, n. 1, p. 169-89, Rio de Janeiro.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 2014.
- FUGANTI, L. Saúde, desejo e pensamento. In: LANCETTI, A (Org.). **SaúdeLoucura 2.** São Paulo: Hucitec, 1990. Cap II, p. 19-82
- LAPASSADE, G. **Grupos, organizações e instituições.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- MORENO, J. L. **Psicodrama.** São Paulo: Cultrix, 1978.
- NIETZSCHE, F. W. **A Gaia Ciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina, 2006.